



## SOBRE AS ESTAMPAS OU GRAVURAS

DOS

LIVROS POPULARES PORTUGUEZES

**E**XISTE em Portugal, como em todos os paizes da Europa, uma Litteratura popular, constando de pequenos folhetos, em que se resumem antigos poemas da Edade média, como os dos cyclos de Carlos Magno e do Rei Arthur, que desde o seculo xiv decahiram das fórmulas poeticas em narrativas prosaicas, as quaes por seu turno se foram dynamisando em folhas soltas destinadas a explorar os ultimos restos da curiosidade e da credulidade vulgar. É ao que em França se chama *Bibliothèque bleue*, em Hespanha *Pliegos sueltos* e em Portugal *Livros de cordel*. Além d'estes vestigios dos poemas carlingios e arthurianos, existem as *Lendas dos santos*, umas vezes tratadas em prosa, e outras persistindo na fórmula poetica dos velhos Autos hieraticos da eschola de Gil Vicente, como acontece ainda com os de Affonso Alvares e Balthazar Dias, relacionando-nos assim com esse veio fecundo de narrativas maravilhosas da *Legenda Aurea* de Jacob de Voragine.

Formam uma secção essencial d'esta Litteratura de cordel as satiras descriptivas, como a *Malicia das Mulheres*, e as aventuras comicas e facetas como a *Historia dos tres Corcovados de Setubal*, o *Bertholdo*, *Bertholdinho* e *Cacasseno*; e as Relações de grandes phenomenos naturaes e apparecimentos de monstros. Por vezes entram n'este campo da ingenuidade popular as relações historicas como as *Sete partidas do mundo* corridas pelo nosso Infante D. Pedro, e os *Ditos memoraveis dos Sete Sabios da Grecia* e da sentenciosa *Donzella Theodora*.

Pelas origens tradicionaes de quasi todos estes folhetos se vê que elles constituem o fundo da leitura popular européa da Edade média; são esses a parte clas-



sica da Litteratura de cordel, porque ainda conservam uma ingenuidade de quem comunica sem esforço com a multidão, e não explora a rudeza com emoções vio-



F. 1.—Da *Vida de Cacasseno*, rep. gr. nat.



F. 2.—Da *Vida de Cosme Manhoso*, rep. gr. nat.

lentas para exaltar a curiosidade. Esses folhetos tinham de soffrer a concorrência com outras narrativas com novos interesses; é assim que no seculo xvi as *Relações dos naufragios dos Galeões da India* encontravam uma grande sympathia, que se prolongava n'essa profunda vibração poetica do romance da *Não Catherineta*; no seculo xvii, ainda sob o dominio castelhano, lêem-se as aventuras dos *temerones* e bandidos celebres, e no seculo xviii os casos de apparecimentos de monstros, cativeiros de Argel e grandes crimes, sobre que os metrificadores versejavam já sem o minimo sentimento popular.

As communicações internacionaes mais frequentes e o regimen da publicidade jornalística vieram alterar este campo da Litteratura popular: conservaram-se pela sympathia da tradição os velhos folhetos classicos que vêm lá do seculo xvi, e metrificaram-se por versejadores pouco menos do que analphabetos, narrativas de escandalos locais em redondilhas em forma de *Fados* para serem cantados á viola por mendigos e cegos ou para serem vendidos na canastrada das bogigangas. A Litteratura de cordel bem merecia ser renovada pela intelligente intervenção da boa critica, restabelecendo os textos das



F. 3.—Da *H. dos Tres Corcov. de Setubal*, r. g. n.



collecções mais antigas das folhas volantes, e redigindo novos themas estheticos para a educação da alma popular. Ao contrario d'isto, a Litteratura popular tem-se



Fig. 4. — Da *Historia da Donzella Theodora*, reprod. gr. nat.



Fig. 5. — Da *Historia do Touro Branco Encantado*, reprod. gr. nat.

tornado objecto de uma ignobil exploração de livreria de rebotalho: corrupta e truncada nos seus textos, é grosseiramente impressa, e as gravuras que a acompanham, propagando a negação da arte, chegam a parecer manifestações de uma esthetica selvagem ou pre-historica.



Com este systema inconsciente de corrupção e degradação da alma popular, como se hade crear uma Arte nova, se para isso o processo genetico consiste em reatar as relações psychicas das altas individualidades com a multidão anonyma?



Fig. 6. — Da *Historia de D. Quixote de la Mancha*, reprod. gr. nat.

No nosso antigo estudo *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (Lisboa, 1885), consignámos um grande numero de factos sobre *Os Livros populares portuguezes* (vol. II, p. 448 a 494), mas faltou-nos um aspecto, talvez o mais



Fig. 7. — Da *Historia dos Sete Infantes de Lara*, reprod. gr. nat.

pittoresco d'esse assumpto, o das *estampas* ou *gravuras*, que são sempre a parte obrigada da Litteratura de cordel.

Esta relação entre o folheto impresso e a gravura ou vinheta que o illustra,



liga-se ainda com as obras *xylographicas* que precederam o descobrimento da Typographia, taes como a *Biblia dos Pobres* e a *Historia da Virgem*: a mesma chapa de madeira recebia o talho da letra, que se tornou *de molde*, e da imagem que ficou *estampa*. Ainda temos a phrase: *Dar á estampa* por imprimir. A gravura em madeira recebeu á nascença um impulso genial, porque começou logo sobre o desenho dos grandes mestres, e pela appropriação característica dos traços mais essenciaes do quadro reproduzido, adquirindo assim uma maneira ou feição peculiar ligada ao seu destino de vulgarisação. Não fallaremos das maravilhas que illustraram as obras litterarias da Renascença, como os *Dialogos* de Luciano, os *Adagios* de Erasmo, a *Utopia* de Thomaz Morus, as *Epistolas* de San Paulo; Alberto Durer, Holbein e João Goujon desenharam para



Fig. 8.— Do *Auto de Santo Aleixo*, rep. gr. nat.

elles mesmos gravarem, attingindo assim o typo ideal n'essa nova fôrma de arte, que se iria tornar industrial, e um complemento da Imprensa.

Os typographos ou impressores-editores para satisfazerem a necessidade da



Fig. 9.— Da *Tragedia do Marquez de Mantua*, reprod. gr. nat.

estampa, mesmo nas obras litterarias ou eruditas, tiveram de separar o desenhador do gravador, soffrendo por isso o trabalho artistico; o gravador perdia individuali-





dade submittendo-se a deixar em relêvo as linhas do desenho, e conforme a sua ignorancia ou incapacidade de desenhar, assim a gravura cahia em uma certa crueza



Fig. 10. — Da *Historia do Propheta e Santo Rei David*, reprod. gr. nat.

e falta de tons e perspectivas. Pela impossibilidade de variar as gravuras, os livreiros-editores do seculo xvi tiveram de applical-as a differentes obras, taes como ornatos, portadas, marcas, emblemas e colophões.

Nas folhas volantes do seculo xvi, como os *Autos* de Antonio Ribeiro Chiado, ou as *Trovas de Crisfal*, repetem-se as vinhetas; e essas repetições amolgando as gravuras tornam-as por vezes borrões, que mais grosseiros parecem com a inferioridade do papel. Além da falta de desenhadores, as figuras destinadas a illustrar



Fig. 11. — Da *Vida de Santa Maria Egypciaca*



Fig. 12. — Da *Historia do Califa Cegonha*

Fac-similes  
red. a  $\frac{1}{3}$

as folhas volantes das Lendas religiosas ou das narrativas cavalheirescas, immobilizavam-se em typos de convenção, em Symbolos, que uma vez conhecidos do povo,





Fig. 13.—Da Mascara de Ferro



Fig. 14.—Da Historia de Paulo e Virginia



Fig. 15.—Da Historia de Flores e Branca Flor



Fig. 16.—Trag. do Marquez de Mantua



Fig. 17.—Da Historia de João de Calais



Fig. 18.—Da II. dos Amores de Mathilde



Fig. 19.—Da Historia de Gil de Santilhana



Fig. 20.—Da Historia de D. Quixote



se lhe tornavam caros á sua imaginação. Esses typos vieram em reproducção automatica até ao presente, como vemos na *Historia nova do Imperador Carlos Magno*



Fig. 21. — Da Tragedia de D. Ignês de Castro, reprod. gr. nat.

(fig. 25), na *Historia do Grande Roberto, Duque de Normandia*; *Sete Infantes de Lara* (fig. 7), e na *Tragedia do Marquez de Mantua* (figs. 9 e 16), do cego Balthazar Dias, contemporaneo de Gil Vicente, nas duas edições do Porto de 1886 e 1897.

Ao olhar para essas deploraveis gravuras illustrativas dos nossos folhetos de cordel, hesitei por um momento se proseguiria no estudo de tão rudes manifestações da esthetica portugueza. Será isto um producto da nossa decadencia? Não. O povo francez e a illustração da sua Litteratura de *Colportage* estão na mesma situação; tendo debaixo da mão a obra em dois grossos volumes *Histoire des Livres populaires ou de la Littérature de Colportage*, por Charles Nisard, ahi encontro gravuras dos folhetos que constituem a *Bibliothèque bleue*, que excedem em rudeza os retratos da *Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma* (fig. 23), lenda tratada com a pureza da simplicidade do pobre cego Balthazar Dias, que trez seculos de transformações sociaes, sentimentaes e intellectuaes não poderam ainda apeiar do throno d'onde domina a alma do povo portuguez com os seus Autos, que se representam pelas aldeias e por isso se reimprimem, como o *Auto de Santo Aleixo* (fig. 8) e o *Auto de Santa Catherina*, bem como as quintilhas engraçadas da *Malicia das Mulheres*. A par de Balthazar Dias, ainda se conserva inabalavel o mulato Affonso Alvares com o seu *Auto de Santa Barbara*, desafiando as iras de Antonio Ribeiro Chiado, que o crivara de epigrammas pungentes, mas não logrou manter na sym-



Fig. 22. — Dos Contos de Fadas e Lobishomens, fac-sim. red. a  $\frac{1}{3}$



pathia do povo nenhum dos seus Autos, valendo-lhe apenas, para salvar-se do esquecimento, umas referencias de Camões e de Jorge Ferreira.

Pelas imagens ou figuras reproduzidas por Charles Nisard dos livros populares francezes, vê-se que estamos diante de um genero, mantido por muitas circumstancias dignas de serem ponderadas. Em primeiro lugar, o povo exige sempre as figuras mais conhecidas; d'aqui a conservação dos contornos geraes, e o desprezo pelos traços delicados ou expressivos, com tanto que se mantenha mais ou menos grosseiramente o typo hieratico (fig. 31); vê-se isso nas figuras do *Auto de Santo Antonio*, não o de Affonso Alvares, que se tornou raro, mas no de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, o afamado auctor do *Manoel Mendes Enxundia*, que soube o segredo da popularidade. Vê-se na *Vida de Santa Maria Egypciaca* (fig. 11), já decahida em prosa. Ou tambem n'esses typos grotescos de *Cosme Manhoso* (fig. 2), do *Cacasseno* (fig. 1), dos *Tres Corcovados de Setubal* (fig. 3), e que se identificam no typo tambem popular do *Borda-de-Agua* (fig. 35), com o seu astrolabio, ou no *Auto da Padeira de Aljubarrota* (fig. 45).



F. 23.—Da *H. da Imp. Porcina*, r. g. n.

Alguns dos velhos folhetos classicos, como o da *Historia da Donzella Theodora* (fig. 4), resistem á invasão de um novo gosto; é assim que a *Historia de João de Calais* (fig. 17), á sombra das raizes tradicionaes do cyclo do Morto reconhecido,



Fig. 24.—Da *Historia do Anão Amarello e da Ave Azul*, reprod. gr. nat.

empolgou a imaginação do camponio francez com equal fervor como o que se lhe consagra em Portugal. Pela obra de Nisard se vê que a Litteratura popular de



França soffreu uma alteração capital, entrando na corrente da Colportage um grande numero de obras litterarias modernas, dignas de captarem a sympathia do vulgo;



Fig. 25. — Da *Historia do Imperador Carlos Magno*, reprod. gr. nat.

taes como *Zelia no Deserto*, de M.<sup>me</sup> Daubenton, *Aventuras de uma alta dama*, de Raban, as *Aventuras de Robinson*, *Viagens de Gulliver*, *Paulo e Virginia* (fig. 14), a *Choça Indiana*, *Telemaco*, *Gonçalo de Cordova*, *Estella*, *Belisario*, *Mil e uma Noites*, etc. (fig. 5).

Em Portugal dá-se tambem uma larga ampliação das Folhas volantes com resumos e apropriações de obras litterarias. Dos escriptores modernos entrou na Litteratura de cordel essa emphatica tragedia de João Baptista Gomes a *Nova Castro* (fig. 21), plagiada da *Segunda Castro* de Domingos dos Reis Quita; e tambem *O Noivado do Sepulchro*, de Soares de Passos, com uma vinheta do estylo das cartas de en-



Fig. 26. — Da *Cornelia ou a Victima da Inquisição*, rep. gr. nat.

terro. A assimilação popular d'esta bella composição elegiaca, mostra a antinomia entre o poeta culto e o vulgo, que assim canta a primeira estrophe da ballada:



Bai arta a lã, nas maçãs di a morte  
Já meia noute com bágár zóou,

Que paz tranquilhas dos bens buns di a sorte  
Zai tem descanso quem alli vaxou.



Fig. 27. — De *O Conselheiro dos Amantes*. Figs. 28, 29. — Do *Fadinho Lisboaeta* fac-similes red. a  $\frac{1}{3}$

Das obras litterarias europêas entra em recente circulação a *Historia da Vida e Feitos do Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha* (figs. 6 e 20), a de *Gil Braz de Santilhana* (fig. 19), a de *Paulo e Virginia* (fig. 14) e *Amores de Mathilde* (fig. 18), extrahida da *Historia das Cruzadas*. Sente-se aqui já o tino mercantil do livreiro francez Ernesto Chardon, que soube sangrar as economias dos padres das aldeias com a publicação de volumosos Sermonarios traduzidos.

Conforme os editores, assim a Litteratura popular se aproxima ou afasta das fontes primitivas; no Porto foi sempre activa esta exploração da folha-volante, pela procura de todas as aldeias que accodem ao trafico da capital do norte. Citaremos a Livraria-editora de Joaquim Maria da Costa, que traz no seu vasto catalogo uma *Historia de Flores e Branca Flor* (fig. 15). Tambem tem vasto catalogo de folhetos de cordel Antonio J. Fernandes, ao qual pertence o folheto da *Mascara de Ferro* (fig. 13). A Livraria Cruz Coutinho sustentou algum tempo a antiga tradição, vindo por ultimo a refrescar o catalogo com cousas das Mil e uma Noites e Contos Orientaes (fig. 24), como o do *Califa Cegonha* (fig. 12).

Não deixaremos de apontar a grande collecção das Historias de folhas volantes da Livraria Lello & Irmão, em que já figuram os *Contos de Fadas e Lobishomens* (fig. 22) e as scenas da Inquisição, como a *Cornelia ou a Victima da Inquisição de Sevilha* (fig. 26).

O Cancioneiro popular é explorado em folhetos in-8.º e in-16.º com a mesma degradação do gosto; o povo não carece d'esse alimento, porque elle cria no momento da sua intensidade emocional a cantiga, que fica eterna. Mas esses folhetos são destinados aos cegos e cantores vagabundos, que precisam de um texto para descansarem a imaginação. As gravuras d'estes folhetos pretendem representar os typos populares, como no *O Conselheiro dos Namorados* (fig. 27), e *Dialogo entre os dois Namorados da Aldeia*



F. 30. — Dos *Dois Namorados da Aldeia*, fac-simile r. a  $\frac{1}{3}$

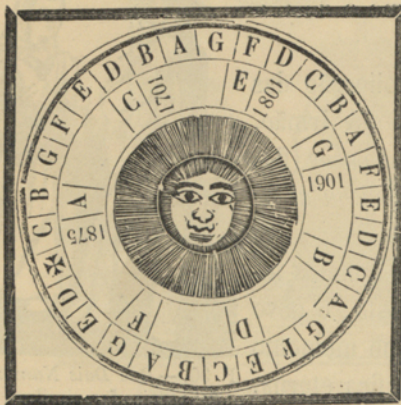


(fig. 30) e os *Cantadores das Flores*. E voltando à rudeza antiga, no *Fadinho da Maia* e no *Fadinho Lisboaeta* (figs. 28 e 29), vê-se que as gravuras sem desenho, e



Fig. 31. — Do *Auto do dia do Juizo*, reprod. gr. nat.

feitas em pão de cerejeira, ao fio da madeira, actuam de uma maneira inevitável no carácter estético da illustração.



Figs. 32, 33. — Do *Lunario Perpetuo*, reproduções em grandeza natural

O *Lunario Perpetuo* e as *Folhinhas*, com os prognosticos do anno e as previsões da chuva e bom tempo, exploram o interesse popular, conservando as ima-



gens dos *Signos* dos mezes, ou representação zoomorphica das Constellações das doze casas em que os antigos astrônomos dividiram o Anno solar (figs. 37 a 43).

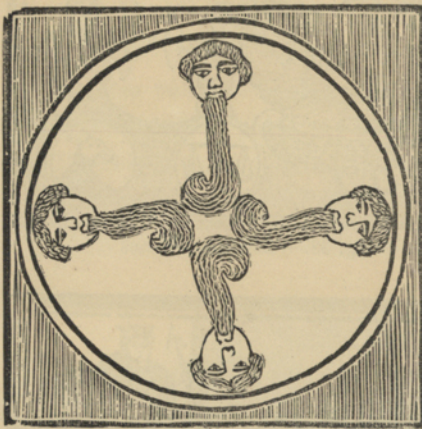


Fig. 34.—Do Lun. Perpetuo, repr. gr. nat.

É verdadeiramente assombrosa a persistencia d'esta concepção astrônomica, que se encontra representada nos monumentos da Chaldêa e do Egypto com as mesmas figuras zoomorphas; pelo estudo comparado d'essas figuras do estado do Céu, chegou-se á descoberta que a representação do Zodiaco, tal como corresponde ás temperaturas e mudanças de Estações, só coincide com a situação de um povo agricola da Europa, na região do 49° grão. As Constellações contornadas mnemonicamente foram representadas pelos signos de *Aries, Tauro, Geminis, Cancer, Leão, Virgem, Balança, Scorpião, Sagitario, Capricornio, Aquario e Piscis*.

Perdeu-se a relação d'estes Signos com as respectivas Constellações, e ficou apenas a relação ficticia do caracter dos animaes



Fig. 35.—Do Seringador, reprod. gr. nat.



F. 36.—Do Borda-de-Agua, r. g. n.

representados com o horoscopo do nascimento das pessoas sob o influxo dominante do céo. É ao que o povo chama a *Sina* ou sorte de cada um. É n'este sen-





Fig. 37. — Touro. — A Virgem



Fig. 38. — Balança. — Aries



Fig. 39. — Cancer



Fig. 40. — Leão



Fig. 41. — Scorpião. — Capricornio



Fig. 42. — Geminis. — Virgo



Fig. 43. — Piscis. — Sagitario

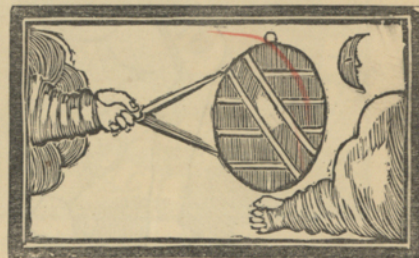


Fig. 44. — Divisão do Anno pelo Zodiaco para os Signos tropicos, fixos e communs

Figs. 37 a 44. — Do *Lunario Perpetuo*, reprod. gr. nat.



tido que as imagens do Zodiaco fazem parte obrigada dos Almanachs ou Folhinhas (fig. 46).

Na Chaldêa estas figuras zoomorphas tornaram-se anthropomorphas, e representaram os Doze Patriarchas; a erudição moderna pode estabelecer a correspondencia entre os Signos do Zodiaco, as Constellações e os Patriarchas. Na figuração anthropomorphica as Folhinhas populares representam o Sol, a Lua e os Ventos tambem em imagens longinquamente allusivas a uma tradição perdida.

Quando a representação do Zodiaco era tomada a serio na Astrologia do seculo xvi, o nosso João de Barros na sua Cartilha, figurava a letra Z por essa forma



Fig. 45. — Do Auto da Padeira de Aljubarrota, reprod. gr. nat.

ideographica; a Cartilha ficou por muitos annos no uso das escholas, e perdendo-se a acção do Zodiaco, os rapazes que liam simultaneamente o alphabeto graphico e ideographico: A, *arvore*, B, *bésta*, C, *césta*, D, *dado*, E, *espelho*, F, *fogareiro*, quando chegavam ao Z liam o ideogramma do Zodiaco dizendo Z, *pandeiro*.

A ideia da representação ideographica do alphabeto é uma renovação do primitivo processo espontaneo pelo qual da figura dos geroglyphicos se passou para as linhas allusivas d'esses symbolos conhecidos, que a necessidade da escripta forçava a abreviar. Esta relação entre o ideogramma e a letra devia ser conservada no ensino popular; a estampa tem um perstigio incomparavel nas almas ingenuas,



É pelas imagens, que as abstracções da theologia catholica se incutem na credulidade do povo. Os jesuitas empregaram sempre nos seus processos de captação espirital as representações da morte e do inferno.

A gravura popular está destinada a soffrer uma transformação radical—pelo processo barato e facil da *zincographia*. Por este processo volta outra vez a gravura a depender immediatamente do desenho, e a reproduzir a sua correcção e espontaneidade. O desenho á penna facilmente reproduz o estylo agua-fortista, a que a *zincographia* dará um tom de naturalidade. É então que a gravura exercerá a grande funcção suggestiva da imaginação popular, que começou já a ser empregada pelos jornaes illustrados. A Litteratura popular deve ser aproximada das suas origens tradicionaes e das Obras primas individuaes, e conjuntamente a gravura como verdadeira illustração, empregada para vulgarisar os instantaneos e as concepções estheticas dos grandes mestres.

THEOPHILO BRAGA.



Fig. 46. — Do *Lunario Perpetuo*, Divisão do Mez e da Semana com o Planeta que preside a cada Dia, reprod. gr. nat.

NOTA. — As gravuras reproduzidas são, na maioria, esculpidas em madeira de buxo pelos gravadores portuenses: Wannymel, Coelho, Calixto, Castro, e outros.



~~BA~~  
2628-8